

AÇÃO DIRETA

SEMANARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

Toda a mentira do sistema representativo assenta na ficção de que um poder e uma câmara legislativa saídos da eleição popular devam absolutamente ou possam representar a vontade do povo.
MIGUEL BAKUNIN

ANO I

Rio de Janeiro — Terça-feira, 10 de setembro de 1946

N.º 19

Uma Página de Heroísmo A Luta dos Anarquistas no Interior da Espanha

Do interior da própria Espanha e por intermédio de um dos bravos guerrilheiros do Movimento Libertário, que, afrontando todos os perigos, chegam periodicamente à França através das montanhas pirenaicas, foi enviada a representação no Brasil da C. N. T. da Espanha, a seguinte proclamação

Federação Anarquista Ibérica

Espanha

A Federação Anarquista Ibérica anima a resistência contra a cruel tirania que oprime o povo espanhol. Sete anos de terror e de amargura impossíveis de descrever tal a sua dolorosa realidade.

Os anarquistas espanhóis não têm descansado um só momento na sua luta pela liberdade de um povo que, durante muitos anos, deu ao mundo exemplos maravilhosos de seu amor às causas nobres e humanas. Esta luta continuará sem o menor desfalecimento até vencer definitivamente a tirania Franco-falangista.

Franco e Falange vacilam e a ação enérgica do povo espanhol há de dar-lhe o golpe definitivo.

A liberdade da Espanha não será conseguida com soluções diplomáticas nem com conchavos internacionais; ela será obra do esforço revolucionário do próprio povo.

Os anarquistas espanhóis, convencidos de que os povos forjam e conquistam sua liberdade pelo seu próprio esforço e ação revolucionária, estão dispostos a levarem a sua luta até o sacrifício, sem medir perigos, sejam quais forem as consequências.

Camaradas da América:

De quanto somos capazes os anarquistas, demonstraremos brevemente com fatos concretos, sem confiar em manobras políticas do exterior, pensando apenas que os trabalhadores do mundo, os que como nós sofrem e amam a liberdade e a justiça, estão ao nosso lado nestas horas de prova para a humanidade.

Como sempre, estamos e estaremos contra toda classe de tirania, contra o Estado, contra o capitalismo, defendendo o direito de todos os povos e todos os homens, de serem livres e disporem com dignidade de seus próprios destinos.

A vós que de longe nos animais com carinhosos rasgos de solidariedade enviamos um fraternal abraço.

De um lugar da Espanha.

Do Comité Peninsular do Movimento Libertário.

Agora prestem os camaradas do Brasil o seu concurso eficaz a esses bravos que, lá longe, defendem o princípio fundamental da liberdade humana!

PLAGIAM DEFORMANDO Não se nega um pouco de água

P. FERREIRA DA SILVA

Sabemos ser hábito velho da burguesia deformar as palavras da nomenclatura revolucionária modificando-lhes o sentido para gerar confusões a ela proveitosas.

Assim, a Igreja que, em tempos de Pio IX, tanto anematizou todas as formas de socialismo, inclusive o nome, acabou arranjando um *socialismo cristão*. E antes de *socialismo*, só o termo *liberal* ou *liberalismo* assanhava todos os reacionários, leigos ou católicos, como gafa peçonhenta do príncipe das trevas. E' só reler os panfletos de José Agostinho de Macedo. Ora, hoje, todo reacionário, dos mais sujos, empinam seu peito liberal e arrotam pelos gorgomilhos sua açorda liberalíssima. *Socialistas*, então, é moda.

Por sua vez, as socialdemocracias, verdadeiros salamargos conservadores, diziam-se arautos do *comunismo*. Ora, *comunismo* é doutrina arquivada dos anarquistas. Marx e Engels redigiram um *manifesto comunista*; porém, nunca jamais definiram o que seria uma sociedade comunista. Os sucessores de Marx, Lênin à frente, formaram um partido maximalista, pregador do *comunismo*, e, da revolução russa, nos saiu um partido *comunista*, mais reacionário, anti-comunista e burguês, do que seus colegas laboristas, ca-

tólicos, monárquicos ou franquistas.

Nós, passamos a chamá-los *libertários* e *anarquistas* e acrescentamos, ao termo *comunismo*, a palavra esclarecedora *anárquico*. Ainda assim, para os menos entendidos, esses termos *comunismo* e *comunista* haviam de gerar ambiguidades evitandas. Só os vocábulos apavorantes *anarquista* e *anarquismo* não trariam confusão e são eles que nos distinguem claramente dos demais *ismos* e *istas* confusos e confundidores.

E' bem de ver que, crescido, alargado e poderoso o anarquismo, cousa, para nós, muito breve, logo saltarão suas eminências e reverendíssimas a inventar um *anarquismo cristão*, promovendo Jesus Cristo a *maior anarquista do mundo*, a *verdadeiro anarquista*, aquele que disse... e mais isto... e mais aquilo.

O diabo é que o anarquismo condena a *propriedade particular*, condena os *mandões* civis ou eclesiásticos, condena o *dinheiro*, instrumento da capitalização, etc., etc. Vai daí...

Temos, agora, no Brasil, nova mistificação. A expressão mistificada é *ação direta*.

E' uma expressão genuinamente anárquica e significa a reivindicação do trabalhador, feita diretamente

ao patrão e ao Estado, sem nenhuma interferência de advogados, representantes, políticos ou líderes. De modo algum significa *sedição*, *intentona*, *golpe*, coisas usadas pelos politiqueros nas suas negações de caça-poderes.

E' bem certo que toda *insurreição* revolucionária é *ação direta*, porém nunca no sentido de *tomada dos poderes públicos*. A greve mais pacífica do mundo pode ser vigorosíssima *ação direta* e uma revolta sangrenta pode ser a *ação mais indireta* deste mundo se mira somente a substituir um poder por outro mais reacionário.

E' o caso dos plutócratas paulistas dando *golpe* para usurpar os poderes estaduais.

Pois tantas faz compadre Belzebu ou Barzabum, que deram os politiqueros mais rabudos desta ex-senzala getulista para falar em *ação direta* no sentido porco de *sedição militar*, *golpe* à Getúlio e companhia. Quando nós referiram tal, demos de ombro achando impossível a anedota. Onde foram eles buscar essa expressão privadíssima dos anarquistas? Teriam eles visto nas bancas este minúsculo semanário e, por saberem-no anarquista, logo inferiram ser *ação direta* o uso de bombas, incêndios, levante armado, pau de rijo e outras farrombas destrutivas?

(Continua na 4ª pag.)

A mulher do povo caminha ligeiro, com uma criança ao lado. Manhã de domingo, o sol dourando os primeiros telhados da beira do morro, gente rara na rua, e sem os sinais de quem vai para o trabalho. Uma criança acompanhava a mulher do povo, de vestes limpas, mas pobres. Era com a criança que a mulher falava, descontente. Ao passar ouvi-a dizer em tom de queixa e protesto:

— Malvados! Cobrar mais dinheiro pela água, que o Senhor nos dá! Mas um dia se há de fazer justiça aos humildes filhos de Deus, quando vier o reino do Senhor.

Foi isto que eu ouvi, e olhei. A mulher levava uma Bíblia na mão. Compreendi que fazia parte da legião dos que colocam a sua esperança de justiça num milagre da fé. São os que não têm fé em si mesmos, os que não compreendem que é do seu próprio esforço que depende a libertação das injustiças e espoliações que os esmagam.

E afinal, pensando bem, a água não é muito diferente do trigo. Se este custa despesa e trabalho para se transformar em pão, e por isso os possuidores nos fazem pagar o pão, também a água custa despesa e trabalho para se canalizar até as residências, pobres ou ricas, das cidades e por isso nos fazem pagar a água.

Quando eu vivia na simplicidade da aldeia, muitas

vezes ouvi os camponeses dizer: «Não se nega um pouco de água». Podia-se pedir, a qualquer porta, um púcaro de água para matar a sede, que ninguém se atrevia a recusá-la sob pretexto algum, e muito menos porque o precioso líquido tivesse de ser pago ou custasse obtê-lo, cavando poços, instalando bombas ou carregando-o em pesadas vasilhas da fonte pública.

Porque, realmente, a água é um elemento vital e nenhuma criatura se sentiria com força para negá-la a um semelhante morrendo de sede. A humanidade não está perdida a tal ponto.

Mas então, porque será que, nas mesmas aldeias, se luta, se criam ódios tremendos, se matam homens, se cavam abismos insuperáveis entre famílias, por causa de um veio de água que póde regar nesgas de terra onde o milho há de crescer e amadurar suas espigas recheadas?

As varas dos tribunais andam cheias de demandas por causa de conflitos dessa natureza. As chamadas «questões de águas» eternizam-se, agravam-se, lavram como erva daninha em povoações de agricultores que, fora disso, levam a mais simples e pacífica existência.

Consideremos a realidade atual. A água canalizada para as residências da cidade tem sobre si a carga de dispendiosas instalações, que o con-

(Continua na 4ª pag.)

Aspetos da situação ocidental

Traduzimos de *Cultura Proletária* (27-7-46) para este recanto destinado aos companheiros de fora, mais um artigo do companheiro M. Baruta Vila, intitulado **Ruedo Occidental por muito informativo e perspicaz.**

A inevitável crise. Apesar do escarmento da primeira guerra mundial e dos esforços desesperados do capitalismo internacional para evitar a crise econômica e, daí, as possibilidades revolucionárias, a crise econômica agiganta-se em todo o ocidente europeu. Não há país, vencido ou vencedor, que a ela se furte.

A Bélgica, nação protegida e apontada modelar pela burguesia, debate-se num calapso tremebundo.

O bloqueio dos salários e a redução dos preços — remédio anglo-saxão aplicado por Van Acker — fálhu ruidosamente. A baixa dos preços não encheu as tendas dos compradores, nem tão pouco evitou que os obreiros de diversas indústrias declarassem greve. O que obteve foi paralização e instabilidade econômica com profundo malestar social. A Bélgica com todos os apoios que recebe — e são muitos — não pôde nem poderá sobrepujar a crise econômica e social presente.

Em França, o fenômeno é de maior envergadura. Protegida pelos anglo-saxões de um lado e pelos comunistas do outro, acha-se também na mais espantosa crise. Ontem eram os burgueses que faziam vácuo à recuperação econômica; hoje, com a situação incolor e interina (em que todos pensam tirar vantagens) todos se esforçam por sobreestimar a crise, mas o caminho é invisível.

A política hábil dos comunistas, fazendo superar o obreiro para aumentar a produção, verificou, em resposta, que a produção não tem saída. As lojas que estão recebendo mercadorias não são visitadas por compradores.

O poder médio aquisitivo limita-se, para o operário, à obtenção dos alimentos mais indispensáveis. Até agora, certa infantilidade fazia supor que só faltavam mercadorias para mitigar a miséria; mas, os operários e demais trabalhadores de todas as classes, vão percebendo que o que lhes falta é o poder aquisitivo e ante os milhares de francos que recebe, a incapacidade de compra o prostrou na mais crua realidade.

A França está numa encruzilhada. Nem só clamam por aumento os mais miseráveis operários. Clamam todas as classes assalariadas: técnicos, funcionários, mestres e a própria polícia. Essa exigência, que se manifesta dentro do quadro da política e da colônia comunista sindicalista, isto é, a C. G. T., conseguiu despertar o povo francês de suas ilusões infantis.

Essa realidade econômica é frutífera para as idéias revolucionistas e, se os camaradas franceses fossem ativos e oportunos, poderiam tirar bom partido dessa inevitável crise econômica que sofre e sofrerá por alguns anos todo o ocidente europeu.

O Nacional-Comunismo. Os partidos comunistas ocidentais já deixaram, há tempo, de ser partidos internacionais. Hoje, de maneira mais acentuada, o comunismo oficial de cada país agita-se no mais exacerbado nacionalismo. Essa atitude super-nacionalista traz consigo uma série de contradições entre os partidos comunistas de cada país distinto. Daí, a máxima célebre de Marx encucitando todos os proletários do mundo a unirem-se estar sendo contradita pelos fatos de cada dia.

E' quase certo que essas contradições são superficiais considerando-se que o interesse supremo do comunismo oficial e

sem Komitern é a Rússia. Todos os partidos comunistas da Europa trabalham pela política de Moscou; mas, ao mesmo tempo, fomentam o nacionalismo, base e ponto de partida da reação e a mais flagrante justaposição das essências mesmas da doutrina comunista.

O mais desagradável é que, com seu nacionalismo furibundo, arrastam todos os demais partidos na mesma rampa.

Nesse descenso, ninguém prevê quem os poderá deter. Tão grande é o ímpeto, que, facilmente, com o empuxo, podem ser projetados ao píncaro oposto: ao nazismo reacionário. O nacionalismo dos partidos comunistas ocidentais está cheio de iminentes perigos. A sombra maquiavélica e sangrenta de Hitler projeta-se à luz do dia por meio dos filhos de Stalin. Difícil é e será a nossos camaradas deter essa onda nacionalista que avança impelida, ao mesmo tempo, pelos fascistas e pelos comunistas oficiais que renegam, publicamente, seus princípios internacionais.

M. Baruta Vila

Reforço para Ação Direta

COMPANHEIRO! Você leu AÇÃO DIRETA? Comprou-a sem dúvida, mas saiba que um exemplar de AÇÃO DIRETA, a 50 centavos, dá DEFICIT, porque nos custa 80. Com 40 por cento ao distribuidor, baixa o preço a 30 centavos. De modo que o DEFICIT, em cada exemplar, é de 50 centavos.

Se você deseja cooperar na manutenção de AÇÃO DIRETA, escreva-nos para **Rua Buenos Aires, 147, A. 22, andar 2.º, Maracaná**, uma contribuição mensal. Nossas contribuições vão de 10 a 200 cruzeiros. A hora é de sacrifícios e o companheiro não deve poupar nenhum para manter e desenvolver nosso periódico.

A causa merece e o exige!

EDUCAÇÃO CRISTÃ!!!

Resistência, de 4-8-46 publicou a seguinte notícia que, *data venia*, transcrevemos:

Os jornais vespertinos comentaram ontem o fato realmente grave ocorrido em Niterói, onde um colegial aluno do Salesiano de Santa Rosa, foi encontrado desacomodado no Largo de Maracanã.

O menor, de nome Bernardino, de 14 anos de idade, filho do engenheiro Bernardo José de Castro e d. Maria José Gonçalves de Castro, residente na Avenida 28 de Setembro 74, casa 2, foi barbaramente espancado pelo «Padre Prefeito» do Colégio pelo fato de ter reclamado contra a comida infame que

vem sendo servida aos alunos naquele educandário.

Socorrido próximo de sua residência pela Assistência, e diante de seus pais, relatou o fato que vai ser devidamente apurado pelas autoridades fluminenses, de vez que já não é a primeira vez que aquele padre agride e espanca covardemente a meninos sob sua responsabilidade, praticando, pelo visto, um cristianismo às avessas.

O menino que conseguiu fugir do colégio inda depois de espancado vinha sofrendo maus tratos, desmaiara de fraqueza quase ao chegar a casa.

Não há dúvida de que as autoridades do Estado do Rio devem agir com o máximo rigor contra elementos como esse «padre prefeito» que estariam muito melhor, empregados na polícia do sr. Pereira Lyra, do que dirigindo colégios onde se educa a juventude brasileira.

4/8/46 — «Resistência».

Administração

Pede-se insistentemente aos contribuintes de *Ação Direta* que não atrasem a remessa das suas contribuições. Qualquer atraso prejudica seriamente a marcha do semanário.

CONFERÊNCIA

A conferência que deveria ter feito o companheiro José Oiticica sobre **Reorganização Social** foi adiada para o dia 14, sábado às 20 horas, na **Sociedade Cultural do Meyer**, rua Dias da Cruz 335. Entrada franca.

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSÉ OITICICA

Continuação do número 18

Todos sabem que o fruto depende do terreno. Em terreno ruim, ruim será o fruto. Num regime social péssimo, é milagre haver homens bons; num regime social bom, seria milagre um homem ruim. c) A educação para fins comunistas é impossível no regime capitalista. Mal os governos percebem semelhante educação, perseguem os educadores, fecham-lhes as escolas e intensificam, nas suas escolas, nos seus liceus, nas suas ligas patrióticas, a educação contrária. O caso de Ferrer, de que já falei, é bem característico. Outro exemplo frisante dá-nos o fascismo na Itália. Mussolini fez aliança com a Igreja e publicou um regulamento segundo o qual, nas escolas públicas, se exige exame de religião feito pelo vigário da freguesia; nos liceus e universidades, impõe-se aos alunos e professores a prova de conhecimento da doutrina católica. Ao mesmo tempo, qualquer manifestação de ensino libertário é perseguida implacavelmente. Vimos que o Estado mantém um aparelhamento educativo formidável. Seria absurdo quereremos opor-lhe outro aparelhamento insignificante para mudar a mentalidade das massas. Para mudar essa mentalidade, o melhor processo é destruir o aparelhamento do Estado, é instituir a Anarquia.

76 — Os socialistas reformistas — Muita gente confunde socialismo com anarquismo, conquanto,

entre as duas doutrinas, haja profundas dissemelhanças. Podemos asseverar que mais perto se acha o socialismo do capitalismo atual que do comunismo anárquico. Tanto é assim, que os capitalistas, a princípio assustadíssimos com o socialismo, pouco a pouco foram compreendendo o seu nenhum perigo e as vantagens até da sua adoção como engodo aos operários. De modo que, é hoje frequentíssimo ver proprietários, industriais, comerciantes e banqueiros, socialistas apaixonados, amigos estremosos dos seus operários, prometendo-lhes percentagens nos lucros, promovendo cooperativas, inventando folgues e distrações, prêmios e benefícios para os empregados. Operários e empregados calam suas possíveis queixas ante a magnanimidade de tão bons patrões e fecham olhos e oídos à propaganda anárquica.

A esses espertos juntam-se os espertíssimos políticos profissionais. Pintam a anarquia como o banditismo supremo, o assassinio, o incêndio, o latrocínio saqueador. Para eles, a grita operária é justa, as reclamações contra a tirania capitalista devem ser satisfeitas: mas, dizem eles, tudo se pode fazer sem violências, por evolução natural do direito, com leis progressivamente liberais. O Estado ocupar-se-á desse problema e, em breves dias, de reforma em reforma, chegaremos ao desejado regime socialista, em que o traba-

lhador ganhará precisamente o fruto do seu trabalho.

Esses socialistas são claramente reformistas. O plano deles foi denunciado pelos anarquistas que mostraram ser pantomima esse reformismo. Os capitalistas só aparentemente concedem vantagens; aumentam, de combinação uns com os outros, os preços dos gêneros, de modo que o trabalhador, ganhando mais, gasta mais, exatamente na mesma proporção do excesso de ganho.

Esse reformismo legislativo tem prejudicado muito o advento da anarquia porque os trabalhadores, homens rudes e ingênuos, do mesmo modo se fiavam no padre e na Igreja, se fiam muito ainda nos políticos e nas leis; nomes diferentes um mesmo inimigo, o proprietário. Enquanto o trabalhador se entregar nas mãos desses protetores, não adiantará no caminho da sua emancipação.

77 — Os socialistas coletivistas — Estes, poucos numerosos, são uma espécie de reformistas, porém concebem um sistema social definido, para o qual devemos passar imediatamente e não por meio de reformas paulatinas. Somente, o plano deles é meramente reformista, porquanto não altera fundamentalmente o sistema capitalista. Com efeito, o coletivismo é um capitalismo de Estado. Pensamos os coletivistas que extinguirão o salário pelo fato de extinguirem a moeda, representante da propriedade; mas, o que eles

propõem não passa da mesma moeda com outra forma e nome.

Efetivamente, na substituição consiste no seguinte: a) em vez da moeda métrica, representativa dos objetos móveis, imóveis e semoventes, instituem-se umas *cédulas coupons*, representativas de tempo de trabalho. Assim, em vez de 2 francos, 3 marcos, 10 mil réis, 100 pesetas, 1.000 liras, etc., ter-se-ão, por exemplo, bonus de 6 horas, 3 horas, 10 horas, 100 horas, etc.; b) o trabalho será qualificado, isto é, trabalhos que exigem maiores dons, maior capacidade, maiores esforços serão cotados mais que os outros. Assim, uma hora de um engenheiro célebre valerá 100 horas de um faxineiro, ou dez horas de um mero professor de matemática.

Essa difícil avaliação, naturalmente, é obra do Estado, a quem incumbem todas as funções diretivas da coletividade. Compreende-se logo, não somente a impraticabilidade do sistema, como, se fôra possível realizá-lo, a nenhuma vantagem dele sobre o atual. Tudo prosseguiria como está: a mesma concorrência, os mesmos aparelhos de compressão, o mesmo parasitismo, os mesmos vícios, etc., etc. Quem joga hoje tostões ou francos, jogaria amanhã horas e minutos, mas tudo seriam produtos. Responde-se que as *cédulas de trabalho* são transferíveis, o que impossibilitaria o jogo; mas, não vêem que posso comprar charutos, frutas, extratos, etc. e jogá-los depois de comprados.

A crítica do coletivismo evidenciou a sua inoperância como solução do problema social, e pouco êxito logrou nos meios revolucionários.

78 — Os socialistas autoritários — Parece um contrasenso haver socialistas autoritários, isto é, cujo processo, de transformação social se apoie na autoridade. Com efeito, o fim desse, como de todo socialismo, deveria ser a supressão de qualquer autoridade e o fim dos socialistas autoritários é declaradamente esse. Apenas, eles querem destruir a autoridade capitalista e afirmam que, para atingir esse ideal, é necessário criar outra autoridade, a autoridade proletária, capaz de esmagar a primeira. Acham, assim, de absoluta necessidade: 1.º que o proletariado se revolte contra o capitalismo; 2.º que se apose do Estado e seus aparelhos compressores; 3.º que estabeleça uma ditadura do proletariado sobre a classe burguesa; 4.º que dê esse modo transforme o Estado capitalista em Estado proletário. Acreditam eles que, chegando a esse ponto, o Estado, esse órgão compressor, escravizador da classe não-possuidora, fatalmente desaparecerá, pois, extinta a classe possuidora, só a não-possuidora resta e não haverá quem a comprima.

Continua

AÇÃO ANÁRQUICA

Um empregado de Antonio Ferro em Terras de Santa Cruz

Mão amiga enviou-me de Lisboa o jornal *O Século* com reportagens subscritas pelo seu «enviado especial» ao Brasil, sr. Amadeu de Freitas. São todas elas monótonos panegíricos à obra da ditadura salazarista, ao patrioteirismo reacionário da parte rica da colônia portuguesa no Brasil e aos «grandes triunfos diplomáticos» do sr. Teotónio Pereira, embaixador de Salazar em terras de Santa Cruz, escritos num estilo Secretariado da Propaganda Nacional ou Estado Novo, em que o tom hilariante (à força de grave, solene e enxundioso), de Conselheiro Acácio, se casa com o tom vomitivo (à força de rastejante, engraxador, sabujo), de Palma Cavalão. Juntamente veem-me algumas linhas escritas por velhos amigos e companheiros de jornalismo e de lutas contra o fascismo, exprimindo-me a surpresa com que me viram, em diários do Rio ali chegados, fotografado ao lado do autor das referidas reportagens. E inquiram, com espanto: — Porventura não te recordarás de quem é esse Amadeu de Freitas, esse aldrabão, a quem todos nós conhecemos aqui por *Amador de Freitas*, desde a sua repugnante ação na guerra de Espanha, fazendo-se eco diariamente, nas suas crônicas para «*O Século*», das infâmias que, de mistura com seus avinhados arrotos, o degenerado Queipo de Llano bolsava, após o jantar, ao microfone da Emissora de Sevilla? Ou porventura também tu aderiste ao Salazar, que tantas vezes te me teu na cadeia e mandou apreender dois livros teus?» Os camaradas que me escrevem bem merecem uma explicação, e só por isso e porque tal não posso dar-lhes na Imprensa de Portugal, amordaçada pela Real Mesa Censória do Santo Ofício salazarista, me permito abusar hoje do espaço deste jornal.

SALAZAR, BELIGERANTE NA GUERRA DE ESPANHA

Embora exilado, há alguns anos, de Portugal, não se apagou da memória a vergonhosa ação de um pobre escriba, que, dizendo-se democrata e filho de outro jornalista, o prestigioso plumitivo democrata, como é chamado Amadeu de Freitas, colaborou, durante a guerra de Espanha, por meio de reportagens insidiosas enviadas daquele país para o jornal do fascista Pereira da Rosa, de Lisboa, na campanha ignóbil de difamação de um povo heróico e quasi inerte, em luta contra o inimigo poderoso, constituído, como se sabe, pelas legiões de Hitler, Mussolini e Salazar, juntas às dos mouros de Marrocos, que, para o correspondente de guerra de «*O Século*», eram os novos «cruzados» que acorriam em defesa da ameaçada civilização cristã... Sei que Amadeu de Freitas, ou *Amador de Freitas*, como outros pretendem, foi um dos «heroicos» «viriatos», senão de fuzil, pelo menos de pena em riste, que o misógino ditador de Santa Comba Dão mandou combater contra o povo espanhol. Mas tudo isto está preso a tantas e tão lúgubres recordações, que eu prefiro deixar estas de lado, para a seu tempo evocá-las numa breve história sobre a guerra de Espanha vivida

nos negros bastidores dos jornais portugueses.

A VERDADEIRA IMAGEM DE PORTUGAL, SEGUNDO AMADOR DE FRETES

Vamos porém ao que de momento nos interessa. Há uns meses, fui procurado aqui no Rio pelo sr. Amadeu de Freitas, recém chegado de Portugal. Explicou-me que a situação naquele país era «verdadeiramente trágica», devido àquilo que considerava o «fracasso da política fascista dos grêmios corporativos». Tudo escasseava — informou-me — e os poucos gêneros que apareciam no mercado negro eram vendidos por tal preço que só milionários ou gente da Polícia Política, enriquecida com a venda clandestina de volfrâmio para o «Eixo», poderia adquiri-los, que não é, pobre jornalista, embora um dos mais bem remunerados. Vira-se por isso forçado a vir ao Brasil «cavar» alguns anúncios entre o comércio português. Mostrou-se-me, por outro lado, arrependido da sua feia ação na guerra de Espanha, e acabou por comover-me, falando-me da mulher e dos filhos a sustentar. (Não repito aqui outras coisas que me confidenciou, porque receio que sejam verdadeiras e não quero que me confundam com um vulgar delator...) Acrescentou que, embora sem qualquer simpatia pelo embaixador, para quem trazia carta de apresentação, tencionava procurá-lo, para que ele o recomendasse aos ricos comandadores da colônia, aos quais precisava de arrancar o dinheiro necessário para equilibrar as finanças. Só não me contou aquilo que depois vim a saber: que também era e é empregado do António Ferro, ou seja, do Secretariado da Propaganda de Portugal, nome que o D. I. P. tem na Salazarolândia.

Ora, eu também tive a desgraça de haver sido escriba a soldo do Pereira da Rosa, que ainda hoje paga a jornalistas ordenados de 600 escudos (menos de 600 cruzeiros), e por isso compreendi as amargas queixas de *Amador de Fretes*. Lembrei-me dos apertos que sofri em Portugal com a família, da fome que, graças à admirável política de Salazar (que esvazia os cofres dos seus tutelados para engravidar os do Estado), a maioria da população ali curte, e decidi fazer pelo meu pobre ex-companheiro de trabalho um pequeno sacrifício: apresentá-lo aos principais jornais do Rio, para que estes, publicando algumas linhas simpáticas sobre a sua chegada ao Brasil, lhe facilitassem a missão. A isto se resumiu a minha intervenção no caso do pobre panegirista ao regime de Salazar.

REDATOR DO «SÉCULO» E AGENTE DE GOEBELS

Agora, porém, ao ler nos jornais que me remetem de Lisboa o acervo de baboseiras, escritas por Amador de Fretes na linguagem tão do gosto do Pereira da Rosa e do Estado Novo, que em Portugal resuscitou o Conselheiro Acácio, compreendo que fui ludibriado na minha boa-fé, vítima de um desejo sincero de ser útil a um antigo companheiro de galés. De galés, sim, que outra coisa não é hoje Portugal e ou-

tra coisa jamais foi a Empresa Nacional de Publicidade («*O Século*»), onde impera, majestática, com seu estadão de luxuosos automóveis, com que escarnece a miséria dos seus escravos, a família de novos-ricos Pereira da Rosa, tendo por feitores os simpáticos Pavões e A. M. Lopes e por cêrberos o anão de corpo e alma Acúrcio Pereira, autor de uma peça teatral inédita e de um livro por ele publicado, «*Além do Reno*», de propaganda nazista cujo original lhe foi metido nas mãos, um pouco antes da guerra de Espanha, por um secretário de Goebels, em Berlim, juntamente com o prego da traição, pequena quantia, com que vendeu a alma a Hitler e pôde casar uma pessoa de família, no regresso a Lisboa.

O FRACASSO DO SR. TEOTÓNICO PEREIRA EM SÃO PAULO

O Talento caixeiro-viajante do jornalismo antónio-férico possui extraordinário dom de mimetização, que lhe tem permitido ser *verde-rubro*, entre os democratas portugueses, que combatem Salazar: azul, no seio da «Falange», em Espanha; e *verde*, nos arraiais do integralismo lusitano, que apoia o ditador de Santa Comba... Tira. Não teve porisso dificuldades, ao chegar ao Rio, para realizar o plano de equilíbrio das finanças: apoucou para as suas faculdades camaleónicas e tomou a cor da camiseta do sr. Teotónio Pereira, que é a mesma da camisa do sr. Pífinio Salgado. E isso obrigou-o a mentir, mais uma vez, mais uma vez a fazer gala ao nome de Amador de Fretes...

A verdade é que a recepção ao sr. Teotónio Pereira, de acordo com relatos verídicos da Imprensa paulista e o testemunho insuspeito de muitos dos que a ela assistiram, foi fria: simplesmente uns quarenta portugueses na estação e uns trinta, depois, no consulado. Decepcionado, o sr. embaixador queixou-se aos vultos mais categorizados da colônia, os quais lhe retrucaram que a culpa cabia apenas a ele, embaixador, que, desde a sua chegada ao Brasil, outra coisa não tem feito senão imitar o seu antecessor, metendo-se em política e em outras atividades extranhas aos mistérios diplomáticos, com prejuízo dos interesses dos compatriotas que mourejam no Brasil. Por outro lado, ele ainda não desmetira convenientemente as graves acusações que homens de todos os credos e partidos lhe fizeram, á sua chegada ao Rio, na Imprensa e nas Constituintes relativamente ao seu germanofilismo e à missão, que a este país o teria trazido, de, juntamente com o fracassado embaixador Aunós, rearticular a «Falange» no continente americano e acudir aos interesses dos remanescentes do nazifascismo aqui fixados ou a fixar. Era preciso, — concluíram, com cara de poucos amigos — que o sr. embaixador tivesse presente que eles eram colônia, mas não colonos...

O sr. Teotónio protestou as suas convicções democráticas: Tinha, de fato, como seu patrão, sido germanófilo e fascista, mas isso, durante a guerra para enganar o Hitler e salvar Portugal. Depois da derrota do «Eixo»,

(Continua na 4ª pag.)

«Le cléricalisme c'est l'ennemi»

HELIO COSTA

(da Juventude Libertária)

Inspiro-me nesse pensamento de Gambetta; por isso, o tomo para título do meu trabalho.

O clericalismo, evoluindo, conforme seus interesses capitalistas que são os sustentáculos dos seus dogmas, deixou, atrás de si, no curso da história, a nefasta escravidão da batina preta.

Data a sua ascensão, desde quando Constantino, desprezando Roma, estreachada pelos seus últimos imperadores, fez de Constantinopla a capital do mundo, unindo o Ocidente ao Oriente. As camadas populares embrenhavam-se pelas catacumbas, e a influência da religião cresce. Compreende Constantino o erro das perseguições que somente favoreciam aos sectários de Cristo. Adota a religião de Cristo e despreza Júpiter. O Papa, ao coroar os imperadores, coroa a si próprio, porque estes seriam seus servos e os servos destes passarão a escravos duplos, do seu senhor e do senhor do seu senhor. Constantino dá o poder Carlos Magno solidifica-o. Odiavam-se mutuamente e cada um solapava o outro nas sombras; mas para subsistirem, uniram-se. Esta união foi a escravidão do povo pelo Estado e pela Religião. Urbano II arrastou levas de fanáticos; e as Cruzadas inúteis foram golpes psicológicos do seu poderio contra aqueles que não aceitavam sua liderança espiritual, e desde então, cessaram os titubeantes, formando o colosso Ditatorial Sobre o colosso, pende ameaçadoramente a espada de Dâmocles, cujo fio cairá exterminando os, no momento em que o povo, pela ação direta, expurgar da face da terra: Estado e Religião.

A Santa Inquisição queima os Servets, e, apesar disto, refratam os Galileus; os Mazarinos, os Richelieus, mancomunam-se com as Antonietas; as Du Barry a coroa com a tiara; a comuna golpeia o bonapartismo, com ele, a Igreja. Nós nossos dias, como eles se entendem! os Rotschids, os Benitos, os Francos, os Salazares, e os pios... assim foi e assim será, enquanto o povo não vier cantar conosco os versos da Internacional. Com encíclicas e concílios, defenderam a propriedade, infeliz idéia de um macaco quando escondeu, de seu irmão, o osso que roia.

A Idade-Media, com o Papa Borgia e a Papisa Joana, aturou o clericalismo escravocrata que, dia a dia, aumentava suas posses, instigando os senhores dos feudos, triturando os inimigos, enquanto as manadas humanas de escravos eram marcadas a ferro pelos Borgias. Roubando e assassinando, a Igreja continuava em decomposição coberta pela púrpura...

A queda do Monarquismo Francês acarretou ao clero empavonado e futricado dos salões das Tulherias um situação delicada. A Marselhesa sou com seu canto de morte. O povo clamava pela voz de Marat: «cabeças e mais cabeças». O «terror», o auro período do anarquismo em ação, guilhotinara Luiz e Antonieta. Caiu Danton, Marat também, e, por último, o próprio Robespierre. Depois, a degeneração dos princípios pelos quais, lutou o povo. A Revolução do impulso para o melhor paralizara-se. A subida da burguesia era um fato consumado, que começou na Jacquerie, na guerra dos

Cem Anos, e terminou ao fundar o «terror». A burguesia destruiu, pelo povo, não por si, a aristocracia hereditária, e criara outra (por inexperiência dos revolucionários). Impigra ao povo, ao povo da Bastilha, Lei e Estado, a mesma escravidão, pintada de nova tinta e abençoada por nova bênção. Ozanam reconciliou a Igreja Aristocrática com a burguesia vencedora.

Esse tópicos da história não me foram contados pelo cura de minha terra. Conheci-os somente, depois que me libertei dos preconceitos que me introduziram no espírito desde criança. Dessas verdades nunca me falaram meus pais católicos e meu professor batista. Hoje as compreendo e felizmente me liberto do mundo que me encomendaram. Perdi meu catecismo de criança e compreí um manual de Geometria. Vendi, no primeiro livreiro, a Bíblia que me deram e compreí, na primeira esquina, as Cartas de Rousseau e as obras de Proudhon.

A tempo reconheci a verdade da ciência e a falsidade de todas as religiões.

Alerta Trabalhador!

A farsa se repete

Proletários de todo o Brasil! Da experiência desses quinze anos de ditadura, com todos os partidos políticos macomunados para defender a burguesia, muito claro e evidente se torna o que sempre dissemos, nós os anarquistas, em nossa propaganda revolucionária, com o lema da primeira internacional: a emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores. É lamentável que os trabalhadores uma vez mais se deixem ludibriar pelos políticos profissionais especialmente pelos da última camada, os comunistas.

Lembrá-vos, operários, do que foi a representação de classe em 1934.

Os 17 representantes dos trabalhadores, em sua maioria comunistas, apresentaram-se na Câmara somente para receber os altos subsídios de 200 cruzeiros diários, não passando de meras figuras decorativas e apoiado incondicionalmente a Ditadura.

Não se lembraram dos párias que os tinham eleito para defender os seus interesses.

Como se isso não fosse lição convincente, repete-se outra vez a farsa e, uma vez mais, o proletariado é iludido, com promessas que não podem efetivar-se. Até quando vamos ser vítimas das mentiras dos políticos? E' tempo, trabalhadores, de deixarmos de ser explorados pelos ambiciosos e emprendermos a marcha certa e segura para a conquista das nossas aspirações!

Toda essa propaganda demagógica dos partidos políticos não passa de uma mistificação, para enganar os operários e desviá-los do caminho da verdadeira luta que é a ação direta.

Todos se dizem defensores dos interesses trabalhistas, mas, nenhum deles se desfaz dos seus privilégios e só pensam em pegar

(Continua na 4ª pag.)

CASA DA SOGRA

Olha daqui, olha d'acólá, é tudo a mesma coisa. A *casa da sogra* é a casa de todo mundo. Na escuridão, a roupa suja não difere da roupa lavada.

Refiro-me à escuridão que invade a inteligência, ao pano preto em que se enrola a humanidade, na ignorância de suas próprias leis, no vício da hipocrisia, no endeusamento dos Tartufos.

Hoje, no mundo, há países que são verdadeiras *casas da sogra*. A população é constituída de bocós ou de analfabetos, a bem dos maiores; pois o atraso, a estupidez, a ignorância são a primeira segurança do governo. Sem esta, oscila a opinião pública, defende-se o povo a si próprio. E adeus burocracia, adeus vida parasitária, adeus lei, adeus Estado... *ação direta* será a última palavra.

Os donos do Brasil, por isso, cuidam da educação... ensinam o analfabeto a ir à missa, a deitar a sua esmola nos cofres da Igreja, a se resignar com a pouca vergonha, a tolerar o roubo, a suportar a fome e abençoar a morte. Os donos do Brasil!!!

O pior é que os proprietários deste país fabuloso foram paridos na Europa ou nos Estados Unidos. E ainda há um secretário de partido que invoca os so-

viets. Acha pouco a opressão estrangeira!... Nós, os brasileiros, inquilinos desta terra maravilhosa e fértil, temos apenas duas escolas: a escola teórica — a da mentira, e a escola prática — a do roubo.

Os últimos acontecimentos êsse do «quebra-quebra», do apedrejamento dos cinemas, leiterias e sorveterias, surtiu de meia duzia de escales recidos, mas a massa inconsciente, fez do movimento, carnaval.

Culpado, porém, é o regime em que se vive: o regime da hipocrisia, em que tudo é fantasia, em que os homens mudam de caráter como quem troca de máscara. Mascarado o professor, mascarado o coronel, mascarada a justiça, mascarado o chefe, mascarado o funcionário, é justo que o povo faça o seu carnaval, com máscara ou sem ela. E se a moda péga, vamos ter um carnavalzinho todos os meses. A escola do quebra-quebra vai-se aperfeiçoando vai-se aperfeiçoando, até substituir a «escola de samba»; então o povo rasgará todas as máscaras...

E os filósofos desta terra?... Não sei porque, cotados, andam, com as janelas da alma sempre fechadas. Quando não são céticos ou indiferentes, são nevró-

ticos e vivem de pregar misticismo às freiras.

Isto aqui «é um país de costas largas». Abriga todos os delinquentes do mundo. Importa jesuitas e esfrega mel de furo na bôca de um Cerejeira.

Dizem que a *casa da sogra* é sempre ampla e confortável. Semelha-se a uma casa de fazenda cheia de escravos e cheia de miséria. Por isso, dizem os estrangeiros, que o Brasil é uma terra boa; nela, tudo que se planta nasce e tudo que nasce frutifica. Entretanto, o que ela tem dado mais é a falta de honestidade, a anemia e o jôgo do bicho. Não será preciso mais nada; os donos do Brasil estão ricos e satisfeitos.

JOÃO LUIZ NEY
(da *Juventude Libertária*)

ALERTA TRABALHADOR!

(Continuação da 3ª pag.)

os quinze mil cruzeiros, fora os percebidos das empresas capitalistas que lhes rendem lucros fáceis nas suas tranqüibérrimas industriais.

Entretanto, vós, trabalhadores, que, com perda da vossa dignidade, os levastes ao recinto do Parlamento, gemeis na maior miséria, sem ler e sem pão para os vossos filhos. Pensai e meditai, trabalhadores, nestas verdades e compreendereis que o caminho para a vossa emancipação é muito diferente daquele que vos apontam os profissionais da política, pois somente os interessa manter-vos na ignorância para poderem continuar gozando as delícias da vida, à custa do teu sacrifício.

Milhares de exemplos poderíamos citar para desmascarar os misticadores e mostrarmos a ineficiência de sua tática política nefasta.

Que foi a revolução russa de 1917? Foi um lance sublime do povo russo. Num movimento heróico acabou com uma tirania sem par querendo firmar um sistema social de equidade e justiça, onde não existissem nem ricos nem pobres, nem a exploração do homem pelo homem. Que é a Rússia atualmente? Um Estado burocrático com os mesmos defeitos do sistema capitalista, com um dos mais poderosos exércitos do mundo, com uma polícia tão sanguinária como as dos países capitalistas e com uma centralização de poderes que deixa o povo trabalhador sujeito a odiosa escravidão. O proletariado russo encontra-se na contingência de ter de fazer outra revolução para conquistar sua liberdade e sua emancipação econômica. Não haveria tal necessidade se não houvesse sido traído pelos exploradores do proletariado, que tão cinicamente se dizem *comunistas*. Esses mesmos misticadores, antepondo seus interesses aos interesses do povo, não trepidaram em estabelecer uma ditadura tipo fascista rotulando-a com o nome de ditadura do proletariado. Ironia! Sarcasmo! Aberração! denominar ditadura do proletariado a Ditadura de um partido que se impõe à vontade de um povo! A quem se aplica a tal ditadura do proletariado? Não é certamente ao Exército Vermelho com toda a sua severa disciplina, nem tampouco à G. P. U., polícia sovié-

Não se nega um pouco de agua

(Continuação da 3ª pag.)

sumidor há de pagar, no sistema econômico-capitalista. A água do poço que o lavrador cavou, extraído por meio de noras ou engenhos, pertence-lhe e ele a usa na sua propriedade. Mas a água de uma nascente, que corre dia e noite, oferecendo-se generosamente, enviada pela natureza ao encontro das necessidades do homem, com que direito é interceptada, represada, repartida arbitrariamente e negada aos que não tiveram títulos ou heranças para entrar na sua partilha?

Se a fonte está dentro de uma propriedade particular, esta aproveita-se da água primeiro. Mas a água sobra, continua correndo livremente pelas outras terras. E então uns, mais esperotos, tratam de colhê-la, desviá-la para onde lhes con-

vém. Outros querem fazer a mesma coisa. Vizinhos encontram-se pela calada da noite munidos de enxadas. E as enxadas, em vez de abrir os regos, abrem as cabeças dos rivais. Isto sim, que é barbaridade, tolice, estupidez criminosa! Pois então não podiam os vizinhos iniciar ali mesmo uma combinação de comunidade agrícola, beneficiando-se igualmente? O livre entendimento não podia desprezar os tribunais da justiça cega e dar a todos o gozo dos preciosos dons da natureza?

Não se nega um pouco de água, e matam-se os homens por causa da água. E' mais uma das desconcertantes tradições em que a sociedade capitalista lança os homens pouco esclarecidos. Os homens e as mulheres de Bíblia na mão, querendo água de graça e confiando no reino do Senhor. Sem ver que o que temos de conquistar é o reino da igualdade, não com doutrinas contemplativas e resignadas, mas com o despertar de uma ação vigorosa, independente e livre da ignorância que amolece as vontades.

Plagiam deformando

(Continuação da 1ª pag.)

Não acreditamos, por isso nessa deturpação. Até que, há pouco, num aranzel politiquero do senhorzinho Assis Chateaubriand, lemos, em letra de fôrma, a expressão nossa, muito nossa, *ação direta*, usada no leprento sentido de briga partidária, sistema *pau comeu!*

Pior que salamargo!

Sem querer, o sr. Chateaubriand, fascista e antifascista, getulista e antigetulista, anticomunista hoje mas provável comunista exaltado amanhã, numa palavra, *tudista*, o sr. Chateaubriand, sem querer, desviou a expressão para o lado odioso. Em breve, nas rodas políticas, *ação direta* há de ser equivalente de *o pau cantou*. Portanto, nós anarquistas pregadores de *ação direta* sempre e só, passaremos logicamente a partidários sempre e só, de arruações, bernardas grossas, intencionas, botabaixos, de quantas tropelias queiram os patrioteiros bonsinhos da atômica inventar contra nós.

Daqui protestamos, uma vez por todas, contra essa abominanda transmutação de um termo empregado só por nós, anarquistas, num sentido claro, rigorosamente definido e inequívoco.

Nossos detratores não dormem, nem perdem vasa para nos desmoralizarem e volverem para nós a antipatia de todo o mundo.

Cuidado com eles!!!

Um empregado de Antonio Ferro em Terras de Santa Cruz

(Continuação da 3ª pag.)

pensava, porém, como Salazar, que o fascismo é um anacronismo e, como o patrão, agora às ordens dos trabalhistas ingleses, que só pode salvar o mundo a democracia cristã, em cujas doutrinas ele e seu amo haviam sido amamentados em Coimbra pelos jesuitas, que, depois, lhes meteram nas mãos, em lugar da Cartilha Cristã, o «Catecismo Cooperativista», de Mussolini, e o «Mein Kampf», de Hitler. Sim, era democrata — e para melhor convencer os compatriotas, exibiu um atestado de democracia passado pelo conhecido fascista britânico sr. Samuel Hoare...

OS PORTUGUESES DE SÃO PAULO DESEJAM A RESTAURAÇÃO DA DEMOCRACIA EM PORTUGAL

Ouvindo tais declarações, uns humoristas da colônia portuguesa de S. Paulo entregaram ao sr. embaixador, para ele remeter ao patrão, uma representação, na qual se pede, em nome da colônia, o restabelecimento da Democracia em Portugal, com eleições livres, supressão da censura à Imprensa, da Polícia Política e do campo de concentração do Tarrafal, onde algumas centenas de portugueses dormem o sono, eterno e ampla anistia política.

Quando à cessação das capangas contra o embaixador de Salazar (e não contra Portugal como Amador de Fretes aleivosamente insinuou), isso se deu não pelo prestígio de S. Ex., porém tão somente pela convicção, a que

os democratas chegaram no Brasil de que o insipiente jornalista amador ribatejano, ex-colaborador gratuito do «Ecos de Vila Franca de Xira», não é, no fim de contas, êsse terrível ferrabraz, que alguém lhes pintou, mas um bom e simpático moço, a quem apenas as más companhias têm comprometido. Comparado com êle, de fato, o sr. Martinho Nobre de Melo era uma pessoa perigosa para a Democracia, porque tinha talento, e se, nos últimos tempos, êle o não evidenciava, era simplesmente porque se havia desinteressado dos deveres diplomáticos.

Termino rogando aos nossos amigos de Portugal que não queiram mal ao pobre Amador de Fretes. A culpa não é dele, mas sim do regime que o gerou, do regime que impera em Portugal, regime que obriga os intelectuais que, como o pobre Amador, tiveram a desgraça de nascer com coluna vertebral de borraça sem rigidez, a andar sempre curvados deante de qualquer badameco dotado de dez-réis de poder, na pedincha de uma côdea para não morrerem de fome. Esse é o regime que todos nós temos de combater com a pena e com as armas. Quanto aos pobres *Amadores de Fretes, acúrcios* e quejandos, tenhamos piedade dêles. Que outra coisa há-de fazer os vermes, senão rastejar na lama, se a Natureza, tão generosa com as águias, lhes não deu asas para se erguerem aos cumes das montanhas?!

ROBERTO DAS NEVES